

**VIDA**  
**MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**  
SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



ANO II — N.º 72 — LISBOA, 1 DE OUTUBRO DE 1942 — PREÇO: 1 ESCUDO

COMEÇO DE OUTONO, PRINCIPIO DE VINDIMAS...

(Foto Benetel)



O sr. governador civil do Pôrto foi agraciado com as insignias do Grande Oficialato da Ordem da Corôa de Itália. Esta foto dá-nos um aspecto da cerimônia da entrega das insignias, vendo-se o sr. governador civil a agradecer a homenagem que lhe era prestada, tendo a seu lado o sr. Ministro da Itália.



A noite, houve recepção na Casa de Itália, com um concerto em que tomaram parte as sr.<sup>as</sup> D. Berta e D. Leonor Alves de Sousa. Na foto, estas duas artistas acompanhadas dos srs. cônsul da Itália no Pôrto e governador civil do distrito.



Um aspecto da assinatura do contrato colectivo de trabalho dos operários da indústria da cerâmica.



Estiveram há dias no Pôrto os diplomatas norte-americanos Mrs. Samuel Hamilton Wiley, cônsul geral em Lisboa, e Henry Priestly Severich, adido de imprensa, que tiveram a amabilidade de oferecer um «cocktail» aos jornalistas daquela cidade. É dessa festa o aspecto gráfico que publicamos.



Os conhecidos Armazéns Grandela acabam de ser adquiridos pelo Montepio Geral para ampliação das suas instalações. A foto mostra-nos o presidente do Montepio Geral fazendo entrega de um cheque de 13.500 contos, valor da compra, ao gerente do Grandela, sr. Pôrto Covo.



Seguiram há dias para os Açores alguns desportistas do norte e do sul, que ali vão disputar vários jogos das modalidades que praticam. Em cima, os atletas do Sport Algés e Dafundo. Em baixo, o «team» de futebol do Futebol Clube do Pôrto.



Desde que o golpe japonês de Pearl Harbour lançou os Estados Unidos na guerra, este país decidiu-se a alinhar com todas as suas forças nas várias «frentes» em que as Nações Unidas combatem os países do «Eixo». Assim, as tropas de terra, mar e ar norte-americanas combatem já em vários mares e continentes. Na Europa, como em 1917, também as suas forças têm desembarcado em grande número, dispostas, segundo declarações dos seus chefes, a participar, na hora própria, na invasão do continente europeu. Esta foto mostra-nos um verdadeiro exército dos Estados Unidos desembarcando numa cidade da Irlanda do Norte.



A batalha das ilhas Salomão, no Pacífico, começou assim: quando os americanos bateram os japoneses no mar do Coral. De aí para cá, não tem havido tréguas na luta entre americanos e nipónicos — luta que ainda não está terminada, e de cujo resultado dependerá, sem dúvida, a sorte da Austrália. Esta interessante foto, tirada de avião, mostra-nos um aspecto da batalha do mar do Coral.

# BÉBÉ, uma artista

## de 18 anos que acaba de surgir no teatro

Uma reportagem de Lança Moreira

**N**o seu todo: figura donairoza; estatura média. Semblante eternamente presenteiro, a transbordar de vida, a gritar confiança no porvir. Boca rasgada sem exagero. Cabelo castanho; tez, dum moreno esbatido; os olhos... dois botões de azeviche, irrequietos, duma traquinice de 18 anos... São uma verdadeira fortuna. Porque vêem bem, graças a Deus, e porque a ansiedade que deles irradia, num desejo de abarcar o mundo dum só golpe, afaga confiantemente a ideia do triunfo...

...Eis, dum só traço, o retrato da Maria Isabel Pinto Coelho de Freitas Martins da Silva Carvalho, de nome artístico Isabel de Carvalho, ou mais simplesmente «Bébé», diminutivo da infância, mas que lhe fica bem mesmo agora — e quem sabe se pela vida fora, pois na sua rápida pronúncia — Bébé — diz muito, pode ser uma história, um cartaz — um pergaminho a gravar para todo o sempre!...

«Bébé» surgiu perante o supremo juiz, o Público, este ano. Abrirem-se-lhe portas de ranger solene... As da casa de aGrett... A discípula, a aluna do Conservatório, entrou guiada pela mão de mestres. Havia um original português, que exigia figuração numerosa. Um friso de colegiais, flores de pureza, estuantes de vida, a prescrutarem um horizonte que se cerrava ostensivamente para elas, por tal aguçando sua curiosidade, mercê da malícia que começava a soprar por sobre uma das flores, que mais contacto tomara já com o mundo, moldando nas atitudes familiares a trajectória do seu destino. «Bébé» recortava-se do grupo que, logo ao subir do pano, era o ponto de partida do conflito intenso, que o título «Vendaval» coroava gloriosamente. O hálito da plateia não a paralizou; deu-lhe até alento, encheu-a de confiança, porque, além da sua força de vontade, sabia o papel, e conscientemente conhecia até onde podiam ir os seus recursos. Como numa assembleia, as preferências e simpatias dividiram-se. «Bébé» marcou posição, em lances de forte dramatismo. Do primeiro ao último gesto, não houvera o mais pequeno arritmo. Dição da melhor; presença, e uma naturalidade pouco própria numa alma que ensaia o voo inicial num espaço desconhecido, a revelar calma, condição de vitória e, acima do génio ou intuição, parcela larga de boa escola e correspondente assimilação.

A semente caíra em bom terreno. Isabel de Carvalho entrara na vida prática, na vida que mais agrada à sua sensibilidade, com o pé direito...

Quando, findas as representações da obra de Virginia Vitorino, as portas de ranger solene da casa de

Garrett se fecharam temporariamente, a discípula deixara um amigo em cada um dos artistas consagrados — e já um ténue perfume de saúde no seu camarim...

### DE PEQUENINO...

Foi há quinze anos... Parece impossível... Tinha portanto três anos. Em casa dos pais do actor Henrique Santos havia uma festa. Pela mão de seu pai um amator dramático de boa ténpera, «Bébé» compareceu na festa. Entre caricias e bôlos, a pequenita disse uns versos de Santa Rita. Fôra a primeira saída e pela primeira vez os grãos fizeram silêncio para ouvir a garota... Um sucesso. «Verdadeira vocação», afirmavam uns; «devia continuar», sen-

tor», que se realizavam no Rádio Clube Português. Um dia...

...E melhor ouvir «Bébé», que conheci pequenina, exactamente quando não havia uma voz discordante sobre o jeito que ela revelava. «Bébé» — assim a designo por força do hábito e por entender que artisticamente é o nome mais indicado — teve uma comoção — mixto de alegria e surpresa — quando lhe disse que ia falar para «Vida Mundial Ilustrada».

Um consagrado, um conhecido, pelo menos, costuma ter um gesto esquivo, um acesso de modéstia, uma recusa gentil, que acaba por se transformar em dialéctica extensiva, entusiástica, recheada de comentários e episódios saborosos...

«Bébé» não exibiu nenhum desses

guês, onde entrei em várias peças radiofónicas.

— O êxito foi completo...

— Sairam «benzinho», sim, segundo diversas opiniões: a voz não irritava, e como o meu papel era declamativo, melhor me sentia; nem me lembrei que estava diante dum microfone...

— Se não erro, também já fonte à Emissora Nacional...

— Já, sim. Disse versos e interpretei também peças radiofónicas...

— ...Que saíram igualmente «benzinhos»...

Uma leve ruborização, um sorriso de Primavera, o fulgor estranho nos olhos pretos e um meneio de cabeça, tímido, a confirmar.

### A MEDALHA SENTENCIOU

— Quando entraste para o Conservatório?

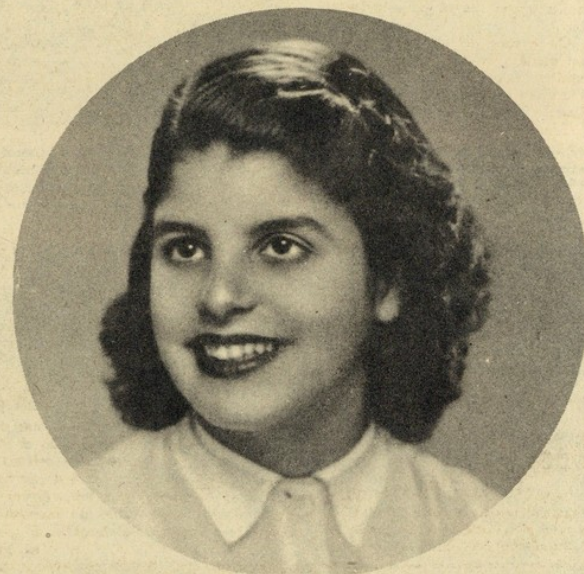
— Em 5 de Janeiro de 1939. Tem até uma história, a decisão de enveredar decididamente pela carreira teatral. Queres que conte?...

— Eu não estou aqui para outra coisa, «Bébé»...

E a actrinha de 18 anos, a discípula de ontem, começa a evocar. O encadeamento do seu raciocínio, a naturalidade com que discorre, tem seu quê de maviosidade, assemelha-se a um gorgheio...

— Tinha 11 anos. No Clube Sportivo de Pedrouços, efectuou-se uma festa de crianças, muito interessante, na qual colaborei. No final, muito amavelmente e no meio dum discurso dum director da colectividade, ofereceram-me uma medalha, desejando-me as maiores prosperidades na carreira que certamente não deixaria de cultivar.

«Fiquei a pensar no caso. Guardei a medalha — e guardo-a — como uma reliquia numa caixa de recordações. Tempos depois estava assente. Iria para o Conservatório. Aquela medalha decidira o destino da minha vida...»



Bébé, uma nova artista da cena portuguesa

tenciavam outros.

Seu pai entusiasmou-se. O instinto não o enganara. A pequena tinha sentimento artístico, bossa.

Servida por esplêndida vontade e óptima memória, «Bébé» continuou a decorar mais versos, evoluindo gradualmente de característica. Depois dos genuinamente infantis, vieram outros, mais a sério. A centelha dramática entrou de fulgor. A exortação dos feitos patrióticos seduziram o seu espírito e nas festas para que era convidada, geralmente de beneficência, «Bébé» tinha um lugar certo, e quando chegava a sua vez, sabia-se que a emoção ia brotar de seus dizeres...

Cresceu. E, de progresso em progresso, participou nas emissões infantis do semanário «Senhor Dou-

quinhos». Por tudo e acima de tudo, simplicidade, e uma encantadora ingenuidade...

Fitou-me e sorriu, um sorriso mais expressivo que todas as palavras.

### TUDO «BENZINHO»...

E falámos. A vontade. Um apontamento, mais um pormenor, um «ah! ia-me esquecendo», interrompendo o raciocínio para repor no seu lugar um dado da história curta...

— Depois das festas de beneficência em que participava, a solicitação de entidades de Paço de Arcos, a terra onde nasci e vivo, Algés, Pedrouços e Lisboa, delirei com a ideia de recitar ao microfone. O actor Manuel Lerenó, um bom amigo, levou-me ao Rádio Clube Portu-

## Leite Materno

Não há nada que o substitua e todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio

## VITALOSE

Produto insistentemente recomendado pela Classe Médica, produz rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo.

### GÓSTO AGRADABILÍSSIMO.

### EFEITOS IMEDIATOS.

A venda em todas as Farmácias

**Prevenção:** Rejeitar imediatamente, por falsificação, toda a embalagem de VITALOSE que não tenha esta etiqueta registada, de garantia:



As últimas palavras foram pronunciadas num tom de voz levemente alterado — por mais lento... Tristeza? Não, que ideia. Alegria a repercutir como um eco prolongado, naquele coração juvenil, em baladas de emoção, ainda de ontem, mas já saudosa...

— Estudaste bastante...  
— Muito. Com verdadeira devoção. É o meu sonho, que começa a ganhar forma!... Concluí há três meses o meu curso e confio abertamente no futuro. A esperança é minha companheira fiel...

Vou fazer-lhe uma pergunta. Falar-lhe dos professores... Mas detenho-me. Como numa transmissão telepática, a minha pergunta cruzar-se-ia no caminho com a sua resposta, que é simultaneamente um arroubo de gratidão:

— Tive nos meus mestres D.<sup>a</sup> Maria Matos, dr. Jorge de Faria, Carlos Santos e Assis Pacheco, grandes amigos; deles, bem como do dr. Ivo Cruz, director do Conservatório, tenho recebido as melhores palavras de incitamento. Não esquecerei, pela vida fora, os bons e queridos mestres!...

**O QUADRO HISTÓRICO**

— A tua estreia oficial no teatro foi na peça «Vendaval», não é assim?...

— Tu o disseste. A grande emoção da minha vida, até hoje. Não me esquece a passagem pelo palco do Nacional e as atenções recebidas de todos, muito especialmente de D.<sup>a</sup> Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro. Ah! Ia-me esquecendo: também no Nacional entrei nas peças «Maria Ritas», «Castro» e no Carnaval na revista «Diz-se por música» e na zarzuela «La Revoltosa».

— E, por último, subiste a Avenida e foste até ao Variedades experimentalmente a revista...

— Hesitei em fazê-lo. A palavra revista atordoava-me. Mas os autores escreveram um quadro para mim, um quadro histórico, — evocação do Duque de Bragança — e não estive descontente. É justo referir que também encontrei boa camaradagem e ambiente de simpatia em meu redor.

**PRIMAVERA A SONHAR E A FLORIR...**

— Constou que ias filmar... Sempre a mesma vivacidade:

— Já filmei. Tenho um papel no «Costa do Castelo», por estrear, e é natural que outros projectos se convertam em realidade...

— Gostaste de filmar?  
— Muito. O movimento, o ambiente é diferente do teatro. As cenas de rua, então, são muito engraçadas, pela curiosidade que despertam nos transeuntes que é preciso manter a distância, para não prejudicar...

— O teatro, todavia, é a tua preocupação máxima?

— Mas isso nem se pergunta. Adoro-o, especialmente o teatro de declamação.

Entro no capítulo da indiscreção:  
— E para a época que vem, o que há? Certamente que existem já projectos, esboços de planos?

«Bebé» faz uma pausa. Gaiatamente, cem por cento bebé, põe o indicador sobre a boca, a pedir silêncio e a invocar segredo. Espero uma confidência sensacional... Mas a discipula dilecta de Maria Matos e Assis Pacheco, decepciona-me:

— Já tenho tido vários convites para a próxima época... Em definitivo, não há nada resolvido. O que houver, a seu tempo soará...

«Bebé» falou-me numa caixainha de recordações... Versos que lhe têm dedicado, programas onde o seu nome está impresso, datas que constituirão o repositório e mostrário duma carreira...

— Tens alguma coisa engraçada, pitoresca, para contar?...

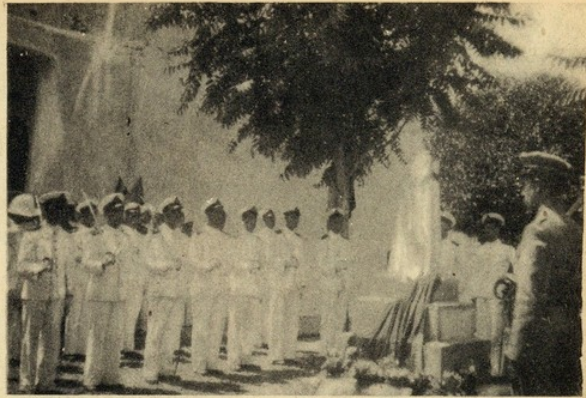
— Teria várias coisas interessantes e engraçadas, que sucedem sempre a quem começa. Mas levaria muito tempo; ficará para mais tarde...

Os botões de azeviche ensaiam um bailado de magia nos seus domínios...

«Bebé» sonha... Para mais tarde, disse.

Tem razão... O passado só deve ser evocado quando, em determinada altura da vida a saúde fere o âmago. É o momento culminante em que o espírito, buscando energias novas, revolvendo-se em anseios, se revê na imagem plena de brilho que o deslumbrou e reganha alento...

Ora, «Bebé» é uma vida a desabrochar, a refulgir, uma sinfonia de deliciosa orquestração, cujos acordes, preze a Deus, hão-de ressoar vitoriosamente cada vez mais!...



A bordo da «Sagres» e do «Afonso de Albuquerque», cadetes do exército e da Marinha foram há pouco a Marrocos de visita aos lugares onde, séculos atrás, o génio e o heroísmo dos portugueses fêz erguer padrões de glória imorredoiira. Mercê da amável deferência de um amigo, podemos publicar hoje estas três fotos dessa visita: Os nossos cadetes fazendo a guarda de honra junto do monumento ao rei D. Sebastião, em Alcácer-Kibir; e a visita à «Sagres» do general Orgaz, alto comissário espanhol em Tânger.



O sr. António Sebastião Spinola, um dos nossos mais distintos funcionários, tomou há dias posse, com carácter efectivo, do lugar de Inspector da Direcção Geral de Finanças, cargo que já vinha exercendo interinamente. Na foto, vê-se o empossado lendo o seu discurso de agradecimento.

**Vida MUNDIAL**  
e a sua revista

JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director: JOAQUIM PEDROSA MARTINS  
— Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

**2**

PRODUTOS  
INDISPENSÁVEIS  
À BELEZA  
DA SUA PELE

CREME E PASTA DE AMÊNDOAS  
RAINHA DA HUNGRIA  
SÃO PRODUTOS M.<sup>os</sup> CAMPOS  
ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA  
Avenida da Liberdade, 35  
LISBOA



Oterecemos nesta página dois aspectos dessa China imensa que luta heróicamente contra os invasores nipônicos — e da qual estes conservam, sob o domínio das suas tropas de ocupação, apenas uma pequena parcela, especialmente no litoral. EM CIMA: Changai, a antiga cidade das concessões internacionais. A sua população sofre as agruras da fome. Para atenuar esta situação de miséria, os japoneses criaram um exército de salvação destinado a dar de comer a verdadeiras multidões de famintos. EM BAIXO: Cantão, o grande pórtio da China. Cidade importantíssima, tem sido ultimamente atacada por bandas de guerrilheiros chineses, que nela têm conseguido fazer vasta obra de destruição.

# O último adeus à Juruaia

Três fotos, obtidas no último domingo — e que constituem o último adeus à praia. Setembro já lá vai — e com êle os dias de férias, no mar... Agora, a cidade, a escola, a oficina, o estabelecimento — a vida intensa do trabalho... Estas três raparigas fazem a sua «estação» na Cova do Vapor. 1) Chama-se Ivone, e é uma furiosa marinheira. É vê-la, subindo o «pano grande», cuja adriça corre veloz nas suas mãos. 2) Clarinha suspende ferro. 3) Esta é Anita, Filha da Murtosa, ama o mar... Aqui a vemos segura a navegar, não largando da mão a escôta do pano grande...

(Fotos Seródio)



# CALCADA DA GLÓRIA

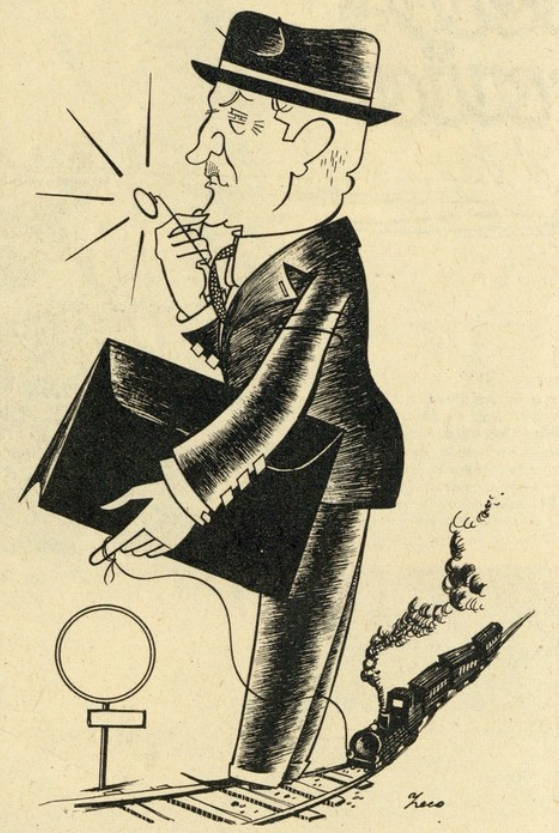
## SINFONIA DE ABERTURA

**C**OSTUMO passar as minhas férias num pequenino burgo tranqüilo, na estrada que vai de Penela a Miranda, e cujo nome — Espinhal — tem qualquer coisa que cheira a urze, a giesta, a montanha. As casas aninham-se, como pombas, em redor da sua igreja patriarcal. Subindo à torre o horizonte alarga-se; adivinham-se, à volta, tratos de milho, manchas de olival, chãos de vinhedo, éclogas de casas obscuras, donde o fumo sobe, num êxtase melancólico, para o céu; uma lufada de ar fresco bate-nos na cara, enche-nos os pulmões. No fundo, é a serra que domina com tôdas as características da paisagem beirã, forte, hirsuta, verde-negra, ramalhante de pinhais, cheirosa de alecrim bravo. Tôdas as manhãs, os primeiros rouxinóis acordam as últimas sombras; tôdas as tardes, as primeiras sombras adormecem os últimos melros. A natureza, na primavera, canta; no verão, explende; no outono, sorri; no inverno — recorda. Se porventura existe um tratado de filosofia numa flor que abre, numa borboleta que passa, num veio de água que murmura, aprendamos com as coisas simples a arte, cada vez mais complexa, de viver — e de sonhar.

Há vinte dias que estou em plena serra. É certo que o sol me não encontra, pontualmente, tôdas as manhãs, de chapéu na mão e assobio de melro, nas chapodas adustas que os vales dominam, como sucedia a Fialho; mas nunca deixo, tôdas as tardes, à hora nostálgica do crepúsculo, de debruçar-me na minha janela, pensando, ao olhar a bendita paz dos campos, na ingloria crueldade dos homens. Pouco a pouco, vem caindo a noite; apagam-se os contornos, sob a névoa mole e indecisa; ao longe, surgem, numa palpitação leve, as primeiras estrelas; e, enquanto sopra o fumo do meu cigarro, imagem efêmera duma filosofia eterna, penso sempre que os homens são afinal os maiores inimigos da Natureza, verdadeira Mãe criadora, gloriosa e fecunda, sem a qual — ai dêles! — jamais poderiam viver.

Foi aqui, nesta écloga serrana, — perdoem-me esta página de memórias — que eu vim ao mundo, numa data que deixo aos meus illustres biógrafos o luxooso cuidado de fixar, embora sem graves compromissos para a minha convencional mocidade. Aqui dei os primeiros passos; aqui aprendi as primeiras letras; aqui cultivei as primeiras ilusões; aqui saboreei os primeiros frutos da civilização actual: o animatógrafo e o gramofone. Nas minhas reminiscências, persistem, bem vivas, não obstante terem passado quasi 40 anos, duas noites que para mim

## VITALÓSE



Quando eu passei por Coimbra, com a ambição rara de ser bacharel em direito como toda a gente, dizia-se por lá que não havia professor mais infalível do que o dr. Domingos Fezas Vital. Nunca faltava a uma aula; nunca deixava de entrar rigorosamente à hora certa. Debalde pediam os alunos que êle tivesse, ao menos, uma gripe de vinte e quatro horas. Às vezes, a gripe aparecia. Fezas Vital aparecia com a gripe — mas não deixava de aparecer, mesmo de pinga no nariz. Uma única vez, segunda as crónicas, faltou: no dia do casamento. Um homem assim, exacto, pontual, infalível, matemático, mais certo da que as coisas certas, tinha naturalmente de triunfar na vida — e triunfou. Catedrático de direito político, a boa politica conduziu-o pela mão, como a um «enfant gaté». Da Faculdade de Direito à C. P., do Instituto de Alta-Cultura à vice-presidência da Câmara Corporativa, se projectam agora os seus passos sobre dois irrepreensíveis sapatos de polimento. Não pára um instante. Não tem um momento de seu. A sua melhor arma: o sorriso; o seu melhor sorriso: o trabalho. E agora digam lá que os Domingos se fizeram para o descanso!

ficaram célebres: uma em que vi o primeiro filme, ainda trémulo e vacilante, representando a «Vida de Cristo»; outra, em que num salão do século XVIII, ouvi o primeiro gramofone, reproduzindo um pequeno discurso. Nunca esquecerei que, a meu lado, certa senhora de idade murmurou, em determinada altura, páldia de susto,

apontando o aparelho que falava: — É o principio do fim do mundo; Deus nos defenda!

Igualmente duas figuras se me não apagam da memória: o padre Parada, vigário da freguesia, simples, rude, bondoso, enfiado numa

velha batina que a chuva e o sol desbotaram, e para quem, depois de Deus, hó havia um homem, Napoleão; — e o velho «Adriano da botica», gorducho, risonho, os bigodes crestados do cigarro, um chapéu mole amarrado na cabeça como um pastel de feitro. Era o correspondente infalível de todos os jornais. Lógicamente estava sempre com o governo — e com a opposição. Tinha um amável estribilho: «Cria V. Ex.º isto, cria V. Ex.º aquilo...» Jogador exímio ao gamão e às damas repelia, com freqüência, num respeitoso orgulho: — Peço muita desculpa, mas cria V. Ex.º que lhe comi a damal

Os domingos de aldeia diferem grandemente dos domingos da cidade. Dizia-me, uma vez, certo poeta — que falava geralmente por metáforas líricas — que os domingos, na cidade, tinham qualquer coisa de alegria, e nas aldeias muito de quadra popular. Na verdade, os domingos, por todo esse Portugal florido, revestem-se duma frescura, dum colorido, dum pitoresco, que lhes dão uma fisionomia própria. Os homens vestem o seu melhor traje. As raparigas ostentam as suas melhores galas. A missa e a feira, expressões da bemaventurança divina e das necessidades domésticas, atraem a gente dos pequenos logarejos em volta. Povoam-se as estradas. Animam-se as sombras, Reza-se, troquilha-se, pragueja-se — namora-se. Um não sei qué ao mesmo tempo de pagão e de cristão estremece, palpita, dentro de nós. Dir-se-ia que o céu explende, mais azul; que o sol cintila, mais dourado. Alegres domingos da minha aldeia que me dão, ao vê-los, a radiosa ilusão da mocidade — eu os saúdo, alegremente, com os olhos humedecidos!

As procissões — essas doces e ingénuas procissões que Malhoa tão bem soube surpreender e fixar — constituíram um dos inesfáveis encantos dos meus seis ou sete anos. As ruas rescendiam a alecrim. As janelas mais ricas armavam-se de damasco vermelho. Repicavam os sinos. Estralavam foguetes. A meio da tarde, depois da missa cantada, saía a procissão com os andores, os anjos, a confraria de opa escarlate; o pálio, rodeado de lanternins; a filarmónica estrugindo num estilo compassado e digno. Percorria as ruas principais; desfolhavam-se flores sobre a imagem da Virgem; e o povo, abrindo alas, ajoelhava, tirando gravemente o chapéu. Depois a procissão recolhía à igreja, no adro vendiam-se então as foguetas, os rapazes e as raparigas

(Conclue na página 22)





# ITALIA

na  
*Guerra*

Esta foto é um dos mais impressionantes documentos gráficos desta guerra que têm sido publicados. Mostra-nos, voando a pouca altura, um avião italiano perseguindo um «tank» inimigo, que arranca a tóda a velocidade na estrada de areia do deserto — não vá cair do céu, de um momento para o outro, o torpedo fatal que lhe traga a destruição e a morte...

# Eu falei **Inácio Ara** com **campeão espanhol de box,**

## Uma reportagem de Jorge Monteiro

**D**ON Inácio... «Quem não conhece Inácio Ara, o famoso pugilista espanhol, campeão de campeonatos, figura de grande renome no desporto mundial e «el más famoso boxeador de España de todos los tiempos»? Quando se fala de Ara—modelo de desportistas e exemplo de cavalheirismo—tem de falar-se com respeito e veneração; porque Inácio Ara—«pues que és el único pugilista español que tiene don...»—não é um qualquer! Antes pelo contrário. Figura da desporto da maior projecção—tem valido mais e em muitas emergências, que muito senhor embaixador... pôsto que o campo desportivo é algo de útil para a propaganda das nacionalidades através do estrangeiro! E Ara tem sido—ninguém o contesta—um dos melhores propagandistas da Espanha desportiva. Quizá um dos seus mais brilhantes cartazes de propaganda. E ao lado de Zamora—nome inconfundível do futebol—de Sami e de outros; de Paulino Uzuadun, de Gironés e de Hilário—de tantos, afinal—o nome de Ara figura como um nome grande do desporto de Espanha, da Europa, do Mundo até! «El gran Ricardo»—o não menos famoso Zamora—e Inácio Ara são valores positivos, nomes que as multidões se habituaram a admirar, ídolos que a multidão criou e por quem se apaixonou...

Paavo Nurmi, Jules Ladoumégue, William Tilden, Georges Carpentier, Jack Dempsey, Joe Louis, Ricardo Zamora, Joe Beckett, Jean Borotra, Jhonny Weissmuller, Inácio Ara. Nomes grandes do desporto. Nomes que todo o mundo conhece e aprecia. Quando se fala em qualquer deles, representante duma geração de campeões extraordinários, a gente tem de curvar-se e tirar o chapéu! Que nos merecem respeito. Que admiramos como arautos duma arte—a arte mais difícil, que é a do desporto, a da inteligência ao serviço do músculo!—tal uma Eleonora Duse ou uma Sára Bernhardt, uma Greta Garbo ou um Charlie Chaplin, artistas famosos dentre os mais famosos. É que Inácio Ara fez do pugilismo um verdadeiro sacerdócio, cultivou o «boxing» como arte, e fez dele um jogo fino, cheio de subtilidades. Ver o grande campeão num «ring» é ter-se a certeza de ir admirar um estilo próprio, inconfundível, é ter-se a certeza de ir ver um artista do desporto num desporto brutal como é o jogo do soco. E, contudo, Ara nunca atingiu o «degrau máximo»; nunca chegou a campeão do Mundo—ele, que tanto valor teve para o alcançar; e que tanto merecia o título! Mas é que na sua era de ouro houve um certo Marcel Thil, verdadeiro fenómeno do «ring»...

que por duas vezes lhe embargou o passo! O famoso campeão, francês de nascimento, era também um grande valor do «boxing»; e apesar de toda a sua subtilidade, de toda a sua imensa vontade, Ara nunca o pôde vencer! Outros caíram sob seus punhos de aço; muitos dentre os maiores campeões foram abatidos. Mas Thil conservou-se, quando no apogeu, invencível para todos... e mesmo para Inácio.

A carreira de Ara é das mais brilhantes de que um desportista pode orgulhar-se. Ara é, sem dúvida alguma, o melhor «boxeur» que a Espanha tem tido—um campeão autêntico, cujo nome figurou sempre nos cartazes como o maior atractivo das multidões. E o público acorreu sempre, a presenciar um «match» de Ara, quando o maravilhoso estilista jogava. Enchendo os cofres dos empresários que tiveram a ventura de o contratar—avolumando de pesetas a bolsa do famoso campeão... que «hoy tiene unos milles de pesetas», que hoje não precisa já de fazer «boxing» para ganhar a vida! Não só a Espanha apreciou Ara, Portugal também. E a Argentina, o Brasil, a França. Até a própria América—país onde somente os campeões de verdade conseguem triunfar e fazer carreira...

...E apesar de tudo, Ara não é novo! Ultrapassou já a casa dos trinta—a idade aonde muitos campeões não chegam nunca! Porque antes disso—[quantos deles!—abandonam; desiludidos uns,

outros sem mais necessidades. Porém, Ara ama o «boxing»—e só deixará definitivamente o «ring» quando voltar a ser campeão de Espanha! Aureolado com o título e provando aos seus que ainda é o melhor entre eles—então deixará o caminho para os outros. Que sigam na sua esteira. Que glorifiquem—como ele o fez—o desporto de Espanha. E ele—«el mayor boxeador que España ha tenido»—ficará satisfeito da sua obra; porque a obra futura de Ara será a de «fabricar campeones», como ele próprio nos disse...

### DE VOLTA A ESPANHA

Fômos encontrar Inácio Ara abanacado a uma mesa duma esplanada—duma das muitas esplanadas que se estendem por essa Lisboa fora. Ali na Avenida—coração da cidade, sãfa de visitas das muitas visitas que andam por aí. Abordámo-lo sem rodeios, que um jornalista nunca precisa de apresentar-se quando se trate de falar com algo de vulto. E Ara, «gentleman» e desportista, espírito forte temperado nas duras lidas do desporto, recebe-nos com um sorriso prazeteiro. Com afabilidade e delicadeza—de pessoa de bom trato, habituada a enfrentar as grandes dificuldades...

—«Tengo muy poco tiempo, pues me marcho hoy mismo; además...». Assim começou. E logo em seguida:—«Pero, para los periclis-

tas, estoy siempre...». Esboça-se o desenrolar da entrevista. É Ara que fala:—Vim a Portugal com «mucho gusto». Dispatee dois combates em Lisboa. Fiz a minha obrigação, em cumprimento do contrato—e agora «vuelvo a Madrid».

—Para combater?—preguntase.

E Ara:—Sim! Para disputar o campeonato de Espanha da minha categoria com Eloy. Depois retirar-me-ei do pugilismo de competição: abandono o «ring», mas não o «boxing», pois quero cuidar da sua propaganda, do seu ensino. Far-me-ei organizador, promotor de sessões. E conto até levar a Espanha alguns dos vossos campeões. Em principio penso em Beni Levi—que não vi jogar mas que me disseram ser um bom «boxeur»—em Matos e Guedes—com os quais joguei em Lisboa, nesta minha caminhada a Portugal—em Miguel França, Licinio, Wilson e «Kangai». Os pugilistas portugueses têm em mim um amigo de sempre, que os estima e folga em vê-los em Espanha...

—E já tem «écurie» sua?

—Tenho Librero—que vocês conhecem—um campeão em duas categorias e um rapaz de muito futuro. E tenho mais: Paco Bueno, meio-pesado; Ferrer, que vai agora disputar o campeonato da Europa dos meios-médios; Garcia Alvarez, campeão dos leves. E por ora chega-me...

«Tenho também idéia de promover um Portugal-Espanha, com re-



Ara conversando com o nosso redactor na esplanada da Avenida

tribuição: isto é, em Madrid primeiro; depois, em Lisboa. Vou agora a Madrid, a Valência e a Bilbao. Depois conto ir à Suíça, à Itália e à Alemanha. Bem sei as dificuldades de ocasião, por causa da guerra, mas espero levar a Espanha alguns campeões desses países. Eis os meus projectos...

Interrompemos, para perguntar a sua opinião acerca dos «boxeurs» portugueses com os quais jogou, e as suas impressões deste salto a Portugal.

— As melhores. O público é gentil. Lástima que não tivesse compreendido o meu jogo no «match» com Matos. É um homem forte e batalhador: tipo de combatente que dá sempre luta. E eu tive de «hacer mi juego... para ganharle!» Com Guedes foi diferente. Isso, sim, foi uma luta! O vosso campeão é duro e «pega fuerte». É rapaz de carreira, se quiser trabalhar...

**RECORDAÇÕES...**

Derivamos a palestra para outro rumo. Pretende-se saber algo da carreira de Ara, que leva cerca de vinte anos de combatente. Ele deve ter imensas recordações, reminiscências de tempos que não mais voltam.

— Quantos «matches», Ara? Resposta pronta, como se tivesse à mão um caderno de inscrições... — Duzentos e cinquenta e nove! Contando, claro está, com os últimos que joguei em Lisboa. Muitos, como vê...

E um sorriso — mixto de contentamento e de pesar, talvez — esmalta o rosto do campeão, que acrescenta:

— Alguns difíceis; muito difíceis mesmo. Com Marcel Thil, em Paris, e depois em Madrid. Outro ainda: em Nova-Iorque — onde fiz duma «carrera» 48 lutas — com o americano Ben Jaby, em 1931. Foram 15 «rounds» duríssimos. Mas ganhei e deram a vitória a Ben. Esse proceder desgostou-me tanto que nunca mais voltei a «boxar» na América do Norte. Nunca mais...

«Defrontei também o vosso campeão Rodrigues. Três vezes — uma delas em Lisboa, no Campo Pequeno, há uns sete anos talvez. Então deram «match» nulo — mas em Madrid ganhei-lhe por desclassificação ao 7.º assalto, e em Buenos Aires bati-o por pontos.

— Onde combateu mais? — Além da América do Norte e do Sul, estive também em França, Inglaterra, Áustria — em Viena ganhei o campeonato da Europa, a Neubauer, em 1932 — na Irlanda e aqui, em Portugal. Em 1935 defrontei o negro francês Bassin, em Agosto, em Lisboa — e depois é que joguei com Rodrigues, no Campo Pequeno. Foi essa a primeira visita ao vosso encantador país, de que tenho as mais gratas recordações, onde o público sempre me acarinhou e onde deixo fortes amizades. Portugal é um país acolhedor — que recebe toda a gente bem. Conto voltar mais vezes — «pero no como boxeador». Voltarei a Portugal com imenso agrado, mas então como «manager» de algum dos meus futuros pupilos...

**PROFESSOR DE CAMPEÕES**

Faz-se uma pausa. Bebe-se, que o calor aperta e o tempo foge. E

Ara está em preparativos de viagem. Nem queremos perder uma só das suas palavras, preciosíssimas ao condimento da habitual entrevista, e que constituem declarações inéditas para o nosso público.

Don Inácio reata o fio das suas recordações, desenrolando a nossos olhos o rosário de reminiscências que guarda no seu espírito.

E diz-nos, com seu quê de satisfação:

— O maior orgulho, para mim, foi quando estive em Buenos Aires. País encantador, que me recebeu triunfalmente. Sucederam-me coisas que jamais se olvidam. Ali fui professor da Federação Argentina — e ninguém podia exercer funções no desporto nem mesmo praticá-lo sem o meu assentimento! E isso, para um estrangeiro — o primeiro a quem lóra cometido tal encargo, de tamanha responsabilidade que nem se vislumbra! — era uma verdadeira honra...

Concordamos: — Sim! Uma grande honra, que Ara merecia bem.

E o campeão volta a sorrir — certo, agora, de orgulho. «E quem o não sentiria em circunstâncias idênticas?»

...Buenos Aires, Rio de Janeiro, Montevideo... Coisas que não esqueçom... Períodos e tempos que já não voltam...

Adivinhámos na fala de Ara uma grande saudade. E tem de quê...

— «Agora...» — Agora, é seguir sempre, Ara — acrescentamos à sua idéia.

— Sim! Assim o espero. «Siempre adelante, con algo de nuevo en la vida». Para criar gente nova, para organizar sessões, muitas reuniões de «boxing». Quantas mais melhor — que em Espanha há bom «cabedal»: Eloy, que defrontarei em meados de Outubro para o título dos médios; Ferner, Tarré, Librero, Paco Bueno, Zuñiga, Alcalá, Garcia Alvarez, Albau... Gente de futuro... Tudo gente de futuro...

**«BUENA VIAJE»...**

Inácio levanta-se. É a despedida. Estava linda a entrevista — esqueçamo-nos de dizer que Ara além do «boxing», que encheu sempre a sua vida de desportista, praticou também o «rugby» em França, por alturas de 1925, jogando no Maulions de Bayonne — e o nosso amável informador tinha ainda voltas a dar antes de regressar a Madrid.

É êle próprio quem remata: — Conto ainda ir êste ano à América. Só para ver... E gostaria de trazer da Alemanha o campeão da Europa, Besselman. «Pero, és muy difícil!». Diga na sua revista que os portugueses terão em mim sempre um amigo, que os receberá com dobrado prazer em Espanha. E não esqueça também de comunicar ao vosso público a minha gratidão pela maneira gentil como me recebeu: há sete anos e agora...

«Bueno. Salud. Que el tiempo me hace falta. Yo me marchó ahora».

Um aperto de mão a selar a nossa amizade. Que Inácio Ara é realmente um cavalheiro. Nem parece «boxeur». E por fim um «buena viaje» — a que o famoso campeão corresponde com um sorriso — e «deseos de suerte».



Esta cerimónia é comovente na sua tocante simplicidade. O sr. comandante Tenreiro, acompanhada pelo sr. administrador do concelho de Almada e outras entidades oficiais da outra banda de Tejo, entrega uma medalha a êste pequeno pescador — verdadeiro herói do mar — que com risco da sua própria vida salvou a vida de um homem que, quando tomava banho, correu sério risco de afundar-se.



Realizou-se há dias, com certa solenidade oficial, a inauguração de uma linha suplementar telefónica para o Pôrto, melhoramento que muito veio melhorar os meios de comunicação entre as duas capitais do país. Neste «clichê» vê-se o sr. dr. Tavares de Almeida, chefe dos serviços de Imprensa do Secretariado da Propaganda Nacional, falando para o Pôrto.



Teve há dias lugar em Sezimbra uma festa simpática, que constituiu uma apoteótica homenagem ao espírito de sacrificio e ao heroísmo da boa gente do mar. Assistiram várias entidades oficiais bem como os representantes diplomáticos da Inglaterra, visto que foi da inspiração de um embaixador britânico, Sir Walford Selby, que, em 1940, surgiu a realização desta festa dos pescadores. A foto revela-nos a chegada a Sezimbra de vários convidados.

**UMA GOTTA DE «HERPETOL»**

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

**«HERPETOL»**

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias  
Preço avulso: 11\$00



**VIDA MUNDIAL é um jornal que vale por muitos jornais**

Vida MUNDIAL

# A Feira da Ladrada,

onde a gente pobre vai vestir-se de novo com coisas velhas...

**A** Feira da Ladrada Evocação de cores, de pitoresco, de mistéria de negação econômica de um povo... Feira de inutilidades que a maioria dos pobres toma úteis — velha Lisboa de outros tempos, senhora de mantilha, com vidrilhos de cor e botinas de polimento, com sósas esburacadas... Feira da Ladrada, do Campo de Santa Clara, abarca tu, sabemos nós donde é que vem?

Ladrada, porque? Quem fala aqui em roubo? É gente honesta, esta que vende e compra lá em cima, no campo que mira o Tejo enmurrado. Gente que é pobre e que sabe quanto custa a pobreza do outro pobre.

Feira da Ladrada Não, Feira da Ladrada — da Ladrada é deturpação. Gostas de dialética do povo — que uma vez dá-lhe para comprar

para bem, outras vezes para mal...

Feira da Ladrada já se dizia antigamente, no tempo do senhor rei D. Manuel I, que a levou do Chão da Feira, onde a passera D. Sancho II, chamando-lhe «Feira Franca» — para o Rossio e depois para as Portas da Ribeira Velha. Lá em baixo, no Rossio, antecedeu-se — no dizer do padre jesuíta Duarte de Lande, no seu livro «A primeira embaixada do Japão na Europa», onde nos dá conta que então somente ali iam os plebeus e os pobres, mas também as donas ilustres, sem aparato de criados, dizendo-se até que a rainha fazia o mesmo caminho — a rainha, naturalmente, era a mulher de D. Manuel — por curiosidade de ver a Feira...

Pobre Feira decadente, esta, hoje que os terremotos de 1755 e de Pombal foram sucessivamente atirando para a Praça da Alegria, para o Passeio Público, para o Cam-

po de Sant'Ana — até que a Câmara de 1862 resolveu arrumá-la naquele miradouro bonito da cidade, ali a Santa Clara...

Feira da Ladrada — da Ladrada, porque, ao princípio, quando deixou de ser «franca», passou para o lado do rio, e lá das eras, então, estradas por água... — velha Feira, que talvez seja única no mundo depois das espanhóis, e que é sem dúvida, uma expressão triste da miséria dos que ficam ainda abaixo dos pobres...

Mas... se não houvesse a Feira da Ladrada, onde havia de ir sair-se o povo pobre, pobrezinho da cidade, ali dos lados sobranceiros à Graça, a São Vicente, Alto do Pinheiro, Penha de França?

Pode ser que ela poderia ter tido passado a caso endêmico de patologia bairrista: a cidade alargou-se, hoje tudo fica muito longe de Santa Clara e os outros bairros que não têm a sua feira sem vão a esta da Ladrada, governam-se também. Entre-

tanto, é só em teoria que a Feira da Ladrada constitui um símbolo anacrônico. No fundo, que é como quem diz — em realidade — todo o mundo vai à Feira da Ladrada. Um mundo pobre e expressivo, na necessidade daquela massa cizenta e anónima — todo o mundo vai lá comprar os sapatos velhos para estrear em dia de anos; a tampa da caçadorá, que se pretenda num empréstimo à vizinha; a fatiada que o outro deixou do trabalho e que vai servir para até se enlamear; o relógio que vai passar os poucos restos de vida na clínica de todos os relógios — o relógioiro a dobradiça ferrugenta, para uma porta em que já não vale a pena pôr uma nova; o gramofone — último modelo, em 1800 e tal — que vai dar mais despesas em discos e concertos, do que as taxas da Emissora; a bateria para a caldeirada — sem esquecer o clássico garrafão do vi-

(Continuar na página 16)



Bonito, não acham? É o último modelo 1890...



Este canto parece o pósto de socorro, no «Campo» de Santa Clara...



Uma «relojaria» que marca o tempo a passo de botas velhas...



Um mandado de despejo? Não, um lugar de venda: bateria de cozinha, garrafas, etc...

Vida **REPUBLICANA**

Vida **REPUBLICANA**



O regente da Hungria, almirante Horthy, acaba de perder recentemente o seu filho e o seu genro. Ambos foram vítimas de desastres de aviação, o primeiro como combatente na frente russa. Esta foto mostra-nos o almirante Horthy no funeral do seu filho, em Budapeste, para onde o corpo foi transportado.



O Dr. Oswaldo Aranha, ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil, ainda há dias afirmava publicamente a sua convicção de que, uma vez liberta da campanha da Rússia, a Alemanha não deixaria de atacar esse país pelo mar e pelo ar. Para fazer face a esse possível ataque inimigo, o Brasil está procurando dar a maior eficiência ao seu potencial militar. Nestas duas fotos vemos uma secção de holofotes do exército brasileiro e soldados do grande país sul-americano em exercícios contra aviões.

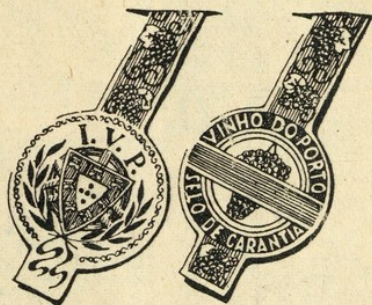
(Fotos Britanovs)



1942

O

VINHO do PORTO  
dos velhos tempos—corre  
o País autenticado pelo  
SÊLO de GARANTIA



USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

ILFORD



CHAPAS // PAPEIS  
PELÍCULAS

A venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED  
ILFORD—LONDRES

# O CHIADO

artéria  
do espírito  
lisboeta



**N**ÃO sabemos se todos já notaram: os letreiros nem sempre correspondem aos nomes das ruas. Assim, por exemplo: escreve-se rua da Misericórdia e lê-se rua do Mundo; escreve-se Campo 28 de Maio e lê-se Campo Grande; escreve-se praça de D. Pedro IV e lê-se Rossio... Do mesmo modo: escreve-se rua Garrett e lê-se, *tout court*, Chiado — o Chiado que não é, afinal, a praçazinha onde o poeta se sentou a descansar para não mais se erguer da posição incômoda.

O Chiado. Exactamente. O Chiado envolto na poalha loira de uma lenda literária. O Chiado nascido antes do poeta jocosos que ali viveu anos a fio: António Ribeiro, com a sua graça, assinalou-o; outros, com o seu valor, perpetuaram-no. Entretanto, esse nome de rua, que já existia em meados do século XVI — só no século XIX havia de criar a aura que manteve — *malgré tudo et malgré* todos que, numa expressão de pessimismo em moda, já não vêm na capa do sr. Alfredo Pimenta o Chiado à altura da sua tradição.

E, entretanto, desde a gente bulhosa do visconde de Garrett, ensaiando, em prédio do Paulo Midosi, o «Catão» do autor do «Frei Luiz de Sousa» — até à hora desta manhã outonal em que falamos hoje, um só vínculo existe a ligar a velha calçada boémia, ao espírito literário de muitas gerações: os «cafés», as livrarias editoras, ponto de cavaco linguareiro e troca de consultas. Foram elas e eles que deram ao Chiado um traço inconfundível; foi o Chiado que deu expressão própria à cidade, cujo pensamento se transformou ali em réstea de sol doirado, beijando as casas e as gentes pelas tardes diferentes de outras tardes nessa artéria...

Já não está ali recostado, à esquina, o Carrelhas no seu fato de quem engorda sem licença de Deus e vai passar o charco de calça arregaçada; D. João da Câmara já não conduz pela mão o poeta Correia de Oliveira, sempre acanhado como um pobre «ratinho», no jeito de quem quer fazer crescer as mangas curtas da camisa; a figura miúda do moreno e triste Malheiro Dias eclipsou-se na bruma de uma noite sem fim — foi atrás de Bilac

(Conclue na página 22)



No Chiado, à esquina da Rua Serpa Pinto. É aqui, na antiga casa Benard dos brinquedos, que vai ser instalada a Livraria Sá da Costa...



No Chiado, à esquina da rua Anchieta, a Livraria Bertrand acaba de sofrer uma completa remodelação interna e externa: nova gerência e modernização das suas instalações...



No Chiado, à esquina da Rua do Carmo. Aqui era uma loja de chapéus — o Salão Cardoso. Está em obras para a instalação, ao que nos dizem, de um moderno «stand» de propaganda dos serviços alemães de turismo...

# A FEIRA DA LADRA no Campo de Santa Clara

(Conclusão da página 13)

nho: as camas — boa coleção, estão a ver a gravura? — com colchões passados já por todos os estados de conservação e asseio; e o pão nosso de cada dia, o queijo, misturado com as botas, as rendas, as mesas, os armários, as estampas, a escovas de dentes já usadas, as louças, os cobs, as bugigangas antigas...

\*\*\*

...Ah! Espera! Este antiquário, aqui. Reconhece-se facilmente o local: Chaby esteve lá...

Lembram-se daquele grande documentário «Lisboa», com o Chaby, o Costinha, o Nascimento Fernandes?



Uma exposição de camas a contento de todos. Melhor — só de encomenda.



Sabem o que está a fazer este comerciante, antes de «abrir a loja»? Emparceira saltos de borracha. Onde estará o pir?

Chaby aparecia-nos a oferecer um velho candeeiro de cobre reluzente que Joshua Benoliel — Deus nos perdoe se nos enganamos! — recusava pela exorbitância do preço. O comprador desandava e Chaby, já de longe, oferecia-lhe um objecto incómodo que, depois do marido de Leonor Teles, ninguém mais quis reconhecer como honraria...

Ao lado do Chaby, estava uma miuda, ladina e espevitada. Era a Beatriz Costa que, nesse tempo, tinha razão para se espevitarem: ainda não era a garota notável do «Burié»...

O «stand» pertencia ao sr. Augusto Gomes (José) — acrescenta ele — para evitar confusões... Tem em casa o retrato do Chaby e ele constitue a sua melhor «antiquidade»...

Feira da Ladra — ou da Lada — feira triste que se ri das misérias de todos. Feira, ela própria, da miséria onde se veste e enfeita muita «gente boa» de aparência...



# Figuras da Vida MUNDIAL



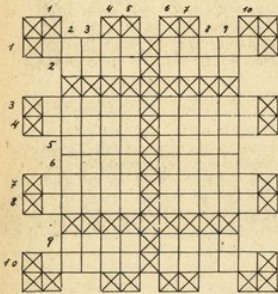
Wendell Willkie é uma das figuras mais populares dos Estados Unidos. Candidato à Presidência da República nas últimas eleições, foi vencido por Roosevelt. Apesar dessa circunstância, declarou-se desde logo disposto a colaborar com o Presidente eleito, pois acima das divergências da política dos partidos, colocou os supremos interesses do país. Willkie é agora enviado especial de Roosevelt numa viagem de largo alcance político que está fazendo. Depois de ter visitado o Egito, o Próximo Oriente e a Rússia, encontra-se presentemente em Chungking, onde deve ter demoradas conversações com o marechal Chiang-Kai-Chek sobre um mais completo auxílio norte-americano à China livre.

(Caricatura de Santana)



# PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 41



**HORIZONTAIS:** 1—Rio de Angola; Rio de Portugal. 2—Erro; Desconfiado. 3—Rebuçados; Resumes. 4—Nome de mulher; Silvo. 5—Regressar; Querido. 6—Margem; Pequena. 7—Abrilhantar; Favorecer. 8—Campo cultivado; Foge.

9—Mentira; Mácula. 10—Colônia portuguesa; Exala cheiro.

**VERTICAIS:** 1—Nome de uma consoante; Nota musical (inv.). 2—Figura; Inaugure; Duplicadamente. 3—Marchava; Cidade de Portugal; Qualquer. 4—Graceja; Encaracolar; O. 5—Eia; Curara; Viração. 6—Irregular; Faz a barba a alguém; Porco. 7—Andar; Julgam; Pref. (designativo de direcção). 8—Sincero; Título de soberano japonês; Letra grega. 9—Tem; Vir à tona da água; Parecença. 10—Unico; Batráquio.

Solução do Problema N.º 40

**HORIZONTAIS:** 1—Tom. 2—Pó; Ir. 3—Receber. 4—Já; Al. 5—Mato; Arma. 6—Ave. 7—Alar; Isto. 8—Ea; Ar. 9—Sucesso. 10—Sr; Is. 11—Era.

**VERTICAIS:** 1—Toca; Acre. 2—Pêjo; Réus. 3—Tua. 4—Tá; Lá. 5—Múa. 12—Evo. 13—Miba; Adia. 14—Réla; Ires. 15—Réis. 16—Em; Tá. 17—Azo.



Fram estas as bombas de 1.000 quilos que os bombardeiros ingleses despejavam na campanha do deserto, sobre Tobruk e Marsa Matruh. Segundo os telegramas das agências, as bombas ultimamente utilizadas têm sido de 2.000 quilos de peso.



Para a defesa obstinada do seu solo, disputado palmo a palmo, os russos têm mobilizado não só milhões de homens como muitos milhares de mulheres. Esta foto mostra-nos algumas destas feitas prisioneiras pelos húngaros que combatem ao lado dos alemães na batalha do leste.



## ★ ★ ★ *aquí* AMERICA

### Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
8,15	WDJ	3.ª feira a Domingo	31,02 m ( 9,67 mc/s)
8,15	WRCA	Todos os dias	39,7 m ( 7,565 mc/s)
8,15	WNBI	Só 2.ª feira	25,23 m (11,89 mc/s)
9,30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31,02 m ( 9,67 mc/s)
9,30	WNBI	Só 2.ª feira	25,23 m (11,89 mc/s)
19,30	WDO	Todos os dias	20,7 m (14,47 mc/s)
20,30	WRCA	Todos os dias	19,8 m (15,15 mc/s)
20,45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19,56 m (15,33 mc/s)
22,30	WGEA	Todos os dias	19,56 m (15,33 mc/s)
22,30	WDO	Todos os dias	20,7 m (14,47 mc/s)

## OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



### EMISSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

Horas	Ondas curtas
11,45.....	{ 24,92 m. (12,04 mc/s) 19,76 m. (15,18 mc/s)
13,15.....	{ 31,75 m. ( 9,45 mc/s) 24,92 m. (12,04 mc/s) 19,76 m. (15,18 mc/s)
22,00 (*).....	{ 31,75 m. ( 9,45 mc/s) 40,98 m. ( 7,32 mc/s) 41,75 m. ( 7,18 mc/s)

(\*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XIV A rivalidade de alemães e russos



O rei Jorge II, da Grécia

3

### O MALÓGRO DA INTERVENÇÃO BRITÂNICA

O desenrolar dos acontecimentos nos Balcãs durante o primeiro trimestre de 1941, precisa ser observado através do que se passou em Berlim e Roma, em Londres e Moscovo, em Ankara e Atenas. Os acontecimentos ocorridos na Albânia e na Líbia em Dezembro de 1940 levaram o Reich a tomar rápidas medidas para evitar que a política do «Eixo» se malograsse numa zona vital do seu interesse. A intervenção alemã implicava assim uma campanha balcânica e um contra-ataque no Mediterrâneo Central e na Líbia. Os alemães já tinham actuado com a sua aviação no canal siciliano, onde afundaram o cruzador «Southampton» e puseram o «Illustrious» temporariamente fora de combate. Depois começaram a enviar reforços de «tanks» e infantaria mecanizada para Trípoli, em Janeiro.

Havia, porém, indicações de ordem política e diplomática mais decisivas ainda sobre o crescendo da influência alemã nos Balcãs. Eram na Jugoslávia, na Bulgária e na Turquia que elas eram recolhidas. Além dos seus órgãos de propaganda e dos seus técnicos, o Reich intensificara nas capitais daqueles países a acção dos seus diplomatas.

Em 20 de Janeiro todos os problemas relativos

nos Balcãs foram detidamente examinados numa conferência a que assistiram Hitler, Mussolini, Ribbentrop e Ciano. A declaração conjunta, publicada depois desse encontro, informava que os assuntos políticos e militares tinham sido o tema das conversações realizadas entre o Duce, o Führer e os seus ministros dos Estrangeiros. O comunicado oficial do encontro dizia:

«O Führer e o Duce tiveram ocasião de, na presença dos ministros dos Estrangeiros do «Eixo», trocarem impressões acerca da situação militar.

«As conversações foram conduzidas num espírito de cordel amizade entre ambos os chefes do governo e acentuaram os íntimos laços militares existentes entre as nações italiana e alemã. Delas resultou um completo acordo sobre todas as questões que são de mútuo interesse».

Deste comunicado se deduzia que a acção militar planeada pelos Estados Maiores do «Eixo» ia ampliar-se. Os movimentos de tropas alemãs na Roménia intensificaram-se e a pressão diplomática na Jugoslávia tomou proporções, enquanto a Bulgária hesitava concentrando homens e material de guerra na planície romana.

Os gregos tinham previsto o perigo. Prevendo também que, tarde ou cedo, os alemães atacariam em direcção ao sul, o governo britânico tentou formar uma frente na península balcânica para evitar o avanço germânico em direcção ao mar Egeu e aos Estreitos, o qual cortaria as comunicações, pelo Mediterrâneo, para a Índia, o Extremo Oriente e a Austrália.

### A VIAGEM DO SR. EDEN

Em Fevereiro de 1941, o sr. Eden e sir John Dill, chefe do Estado Maior General Imperial, dirigiram-se ao Egipto. Por esta altura a penetração alemã na Bulgária tinha feito grandes progressos e as possibilidades do Rei Boris ou qualquer outro chefe político daquele país poderem fazer frente à pressão alemã, desvaneceram-se completamente. A chegada do sr. Eden

ao Cairo foi anunciada no dia 22. Depois de discutir a situação com sir John Dill, o general Wavell e o general Cairoux, chefe dos franceses livres naquela zona da África, seguiu para Atenas. Os chefes militares britânicos na região mediterrânica, que eram o almirante Cunningham, o general Wavell e o marechal do Ar, Longmore, estavam de acordo com a política planeada em Londres para se ampliar o auxílio militar à Grécia e tinham já preparado o envio de tropas e aviação para aquele país. O sr. Eden conferenciou em Atenas com o rei Jorge II e com o chefe do governo, sr. Koritsis, os quais afirmaram o propósito de resistir a qualquer ataque das forças conjugadas do «Eixo». De Atenas, o sr. Eden e sir John Dill seguiram para Ankara, onde a sua chegada foi conhecida no dia 26 de Fevereiro. Sir Stafford Cripps, embaixador britânico em Moscovo, foi de avião à Turquia para lhe dar a conhecer a atitude da Rússia. Enquanto estas diligências diplomáticas estavam em curso, a 1 de Março foi recebida a notícia de que a Bulgária se tinha juntado às potências do «Eixo». A atitude da Bulgária, que pouco antes assinara um tratado de amizade com a Turquia, inutilizou o plano britânico para a constituição de uma frente diplomática das nações balcânicas que, com o auxílio dos ingleses, deveria opor-se à penetração alemã. Os alemães, através da Bulgária, podiam agora passar para a Grécia ou para a Turquia, conforme conviesse à realização dos seus planos. Os turcos tinham tropas na Trácia; mas a sua hostilidade em relação às forças búlgaras apressaria o ataque alemão, o qual seria realizado por tropas inferiores em número mas infinitamente melhor armadas e equipadas. A ocupação de Andrinopla traria as divisões «Panzer» alemãs até ao Bósforo e aos Dardanelos.

### O TRABALHO DA DIPLOMACIA INGLESA

A diplomacia inglesa nem por isso deixou de tentar, junto dos turcos e iugoslavos, a formação duma frente comum. Mas em seguida à adesão da Bulgária às potências do «Eixo»,



O rei Boris, da Bulgária, durante uma festa oficial, acompanhado de sua esposa e filhos



Sarad Joglu

O governo de Belgrado fez saber que não julgava conveniente a encarada visita àquela cidade do sr. Eden e de sir John Dill. Os iugoslavos tinham previamente assegurado ao governo britânico que defenderiam a sua neutralidade contra qualquer ataque. Quando ouviram falar em conversações com os gregos e turcos, declararam que não desejavam exceder os limites daquela promessa.

Se tivessem ajudado a Grécia, em Janeiro ou Fevereiro, antes dos alemães estarem preparados para entrar na Bulgária, talvez os acontecimentos nos Balcãs tivessem tomado outra feição. O príncipe Paulo e os seus ministros, tendo deixado passar essa oportunidade, podiam, agora que os alemães estavam a chegar em grande número à Bulgária, dizer que não estavam em condições de tomar nenhuma iniciativa militar, porquanto o seu flanco oriental se encontrava demasiadamente exposto. Sir Ronald Campbell, ministro britânico em Belgrado, foi a Atenas comunicar ao sr. Eden o que se passava e este homem do Estado britânico regressou, de novo, ao Cairo, onde se encontrou com o general Smuts e teve entrevistas com o chefe do governo egípcio e o chefe das forças britânicas do Próximo Oriente.

A 17 de Março, o sr. Eden discutiu a situação no Médio Oriente com o ministro dos Estrangeiros iraquiano, que estava com pequena demora no Egipto, e, antes de regressar à Grã-Bretanha, foi de avião a Chipre para ter uma última conferência com Sarad Joglu. A marcha dos acontecimentos levava os turcos a rever a sua posição. Era evidente que eles não podiam dar qualquer auxílio eficaz à Grécia, uma vez que os alemães se encontravam já na Bulgária. Só poderiam resistir ao alemães fora das fortificações de Chatalja e Boulair, se a Iugoslávia decidisse fazer com eles causa comum, entrando no bloco a que estava previamente assegurado o concurso de gregos e ingleses. Estas circunstâncias não se verificaram e Sarad Joglu chamou para isso a atenção do governo britânico. Assim, a missão do sr. Eden malograra-se e o ministro dos Estrangeiros britânico regressou a Londres convencido de que nada mais havia a tentar nos Balcãs.

**PREOCUPAÇÕES BÚLGARAS**

A ocupação alemã da Roménia aumentou as preocupações do governo búlgaro. Simultaneamente, porém, uma parte da opinião pública na Bulgária continuava a pensar na parte da costa do mar Egeu e no regresso a este país dos territórios da Macedónia que tinham passado para a soberania da Grécia e da Iugoslávia. A reocupação do Sul do Dobruja estimulou estas esperanças. Estes elementos reconheciam que só a Alemanha e o seu apoio podiam dar à Bulgária os territórios que ela perdera em 1918.

Os chefes macedónios, exilados da Bulgária, tinham muitos partidários. Em gerações, os macedónios, primeiro sob o domínio da Turquia e depois sob o domínio da Iugoslávia e da Grécia, tinham-se refugiado na Bulgária. As perseguições sofridas pelos seus irmãos que viviam fora da Bulgária levaram-nos a formar a famosa «Organização Revolucionária Macedónica», suficientemente forte para influir na

evolução da política balaónica. Os revolucionários macedónios tinham o apoio de muitos búlgaros influentes e de alguns sectores da opinião pública búlgara. No fundo era pela reconstituição da grande Bulgária que eles trabalhavam. O golpe de estado militar de 1934 enriqueceu o prestígio da «Organização Macedónica». Alguns dos chefes macedónios que se encontravam na Bulgária foram aprisionados ou exilados. O golpe de Estado teve importantes repercussões de política interna, uma das quais foi enfraquecer a posição pessoal do rei.

Desde 1926, que Boris III governava constitucionalmente, procurando realizar uma política conciliatória, tanto interna como externamente. A partir de 1934, o rei Boris passou a escolher livremente o seu Primeiro Ministro e o seu Ministro de Negócios Estrangeiros. O monarca desempenhou então um importante papel na direcção da política externa do país. De início, teve êxitos acentuados. As relações entre a Iugoslávia e a Bulgária melhoraram consideravelmente, graças às suas iniciativas. A introdução do alfabeto latino nas escolas das minorias turcas produziu também bom efeito. As relações com a Grécia e a Roménia melhoraram menos rapidamente mas nem por isso deixaram de melhorar. A Bulgária não abandonaria as suas antigas reivindicações territoriais mas o seu governo renunciava a qualquer tentativa de as reaver pela força. A Bulgária, embora não pertencesse à Entente Balcânica, mantinha com esta relações amigáveis para evitar um isolamento perigoso.



General John Dill

**TENTATIVAS DA BULGÁRIA**

No verão de 1938, a Bulgária obteve um grande êxito diplomático com a celebração do pacto de Salónica, assinado por Kiosseivanov, Primeiro Ministro e ministro dos Estrangeiros da Bulgária, e pelo general Metaxas, pela Entente balaónica. Por este pacto a Bulgária comprometia-se a não apresentar quaisquer reivindicações contra os seus vizinhos, a não ser por meios pacíficos. Ao mesmo tempo a Bulgária adquiria a liberdade de rearmar. A Grécia e a Turquia, ao mesmo tempo, reservaram o direito de guarnecer e fortificar as zonas neutras da Trácia ocidental e oriental que tinham sido desmilitarizadas pelo tratado de Lausanne. Esperava-se que o acordo conduziria em pouco tempo a uma mais íntima colaboração entre a Bulgária e os outros países balaónicos.

Encorajado por este facto, o rei Boris tentou trazer o seu país para a órbita anglo-francesa, na qual gravitavam a Turquia e a Grécia. Naturalmente não gostava de ver a Bulgária dividida entre alemães e russos, fossem quais fossem as ofertas feitas por estes países. Tinha a convicção de que o seu país, sob a hegemonia alemã, passaria a fazer partido «Lebensraum» e que a protecção russa resultaria a prometida transformação do país em província russa. Boris pensava que as potências ocidentais, especialmente a Grã-Bretanha, deixariam desenvolver a política nacional dos pequenos povos como o seu. Por isso Momchilov, ministro em Londres, decidiu sondar o governo britânico durante a sua visita a Londres, no princípio do outono de 1938.

O rei Boris, talvez não tivesse preparado convenientemente a sua visita à capital britânica,

onde se vivia sob a impressão da crise de Munich. Mas é pouco provável que, mesmo neutras circunstâncias, conseguisse levar o sr. Chamberlain a contrariar, nessa altura, os planos do chanceler Hitler. O rei Boris avistouse com Lord Halifax, mas só no final da sua visita conseguiu uma entrevista com o Primeiro Ministro. Os resultados desse encontro foram negativos. Chamberlain evitou tratar os assuntos que o rei Boris queria discutir, afirmou a a sua confiança no chanceler Hitler e deu ao seu visitante a impressão de que nada faria que pudesse desagradar ao Reich.

A derrota da França, em 1940, encorajou os elementos pro-alemães da Bulgária; o auxílio diplomático àquêle país pela Alemanha e pela Itália nas negociações com a Roménia, que a levaram à ocupação do sul de Dobruja, aumentou o prestígio e a popularidade do «Eixo». Entretanto, os alemães iam ocupando a Roménia e conseguindo a colaboração do exército romeno. Em Janeiro de 1941, tornou-se evidente que o seu exército de ocupação aumentaria. A tentativa do rei Boris, durante a sua visita à Europa Ocidental em 1938, para conseguir artilharia pesada e anti-aérea de origem francesa e inglesa para o exército búlgaro, malograra-se. Sem grandes fornecimentos de material do estrangeiro, as forças búlgaras não estavam em condições de se opor a um ataque. Tinham pouca aviação, poucos veículos blindados e uma insuficiente reserva de munições.

Nos primeiros dias daquele mês, o sr. Filov, chefe do governo búlgaro, visitou Viena acompanhado por Richtofen, ministro alemão na Bulgária. Tanto êle como o seu ministro dos Estrangeiros, Popov, tinham declarado, em 29 de Dezembro, que não haveria qualquer modificação na política de neutralidade. Mas começaram a circular notícias de que ambos tinham continuado a sua viagem até Salzburgo, onde se encontraram com Ribbentrop. Em 12 de Janeiro, o sr. Filov, num discurso feito em Rústchuk, declarou que o seu governo estava resolvido a salvaguardar a liberdade dos búlgaros e a sua independência e que não daria qualquer passo que fizesse com que a Bulgária ficasse sob o domínio estrangeiro. No dia anterior, a agência russa Tass dizia que se as tropas alemãs viessem a entrar na Bulgária ou já lá se encontrassem, «isto estava a ser feito sem o conhecimento ou o consentimento da União Soviética». O coronel Donovan, enviado especial do Presidente Roosevelt, teve uma entrevista com o rei Boris, a 22 de Janeiro. Também esteve com o chefe do governo, Filov, e com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Popov. O seu objectivo era encorajar à resistência o governo búlgaro. Os esforços para conservar a Bulgária neutral eram comparáveis aos esforços do médico que tenta estimular um moribundo com injeções.

**APÊLO AOS NEUTROS**

A 10 de Fevereiro o sr. Churchill, num discurso em que apreciava a situação, avisava o

(Continua na pág. 23)



General Georges Catroux

# O catraio

Uma novela de Marques Gasção

**M**ORRERA-LHE o pai um ano depois dêle ter nascido. Ficará só com a mãe, uma pobre mulher que nada tinha de seu, além de dois braços ainda fortes para trabalhar. O pequeno Alfredo foi crescendo no meio da mais extrema miséria e das ralações em que a mãe se consumia. A sacrificada mulher servia a dias em casa de ricos senhores do bairro, lá para as bandas de Pedrouços. Como ela era boa e sabia ser útil, as donas de casa estimavam-na e repartiam com ela as roupinhas que os filhos, mais crescidos, já não vestiam. O Alfredo era assim como que um produto das esmolas que a mãe recebia com tristeza e alegria, ao mesmo tempo. O pequenito, porém, mirava-se nessas roupinhas ainda em bom estado — e sorria. Devia sentir-se bem. A sua inocência não dava conta da humilhação e da dor da boa mãe. Enquanto ela andava o dia inteiro, por casa dêste e daquêle a lavar roupa, a esfregar e a fazer recados, êle ficava em casa duma vizinha, amiga da mãe, que o tratava até à noite. A pobre mulher emagrecia a olhos vistos. Andava derreada ao péso da labuta, por amor do filho, que queria robusto e sadio. Era a sua maior e mais nobre preocupação. Vivia para êle e para a recordação do infeliz marido. À volta, trazia sempre um mimo para o inocente, e tôda ela vibrava se o via sorrir, de contente, a lambor os lábios de qualquer guloseima. Era o prêmio para o seu esforço diário. O cansaço até lhe parecia que desaparecia só de ver o filho sorrir. O que é o amor de mãe!

O pequeno foi crescendo. Ganhou côres, pulou. Andava já pelos seis anos, robustos, corados e risonhos. A mãe revia nêle a figura do pai que um desastre vitimara havia anos. O que êles eram de amigos! E como se lembrava da alegria que o marido tivera no dia em que o pimpolho nascerá! O infeliz carpinteiro, que se consagrara à tarefa de assegurar o futuro do inocente, virá-se um dia desempregado. Não perdeu a cabeça e procurou trabalho. Meses depois appareceu-lhe um «gancho» numa obra do bairro novo de Algés. Foi. Mas a desventura tolheu-lhe a ambição e uma tarde, quando andava nos andaimes, resvalou e caiu, fracturando o crânio. Horas depois morria no banco do hospital, com os olhos muito abertos, cheios duma luz estranha.

O pequeno adorava a mãe que

o criava com inumeráveis sacrificios. O Alfredo começava a perceber as dificuldades da casa e a sentir a aspereza da vida, que estava cada vez pior. O pão faltava, de quando em quando, e o trabalho rareava. A vizinha lá os ajudava, quanto podia, mas a verdade é que a vida era má para todos. A mãe sofria muito e chorava pelos cantos da casa, cuja renda, embora barata, tantas ralações lhe dava. A criança, que estava na idade das brincadeiras, pouco se fixava, porém, nessas preocupações. Descalço e mal agasalhado, corria as ruas do bairro, dum lado para o outro, só ou com

— Toma lá e raspa-te, moço!

O Alfredo mal se apanhava com algumas dúzias de sardinhas ou carapaus dentro dum pedaço de rede, e logo que abalava para casa, risonho e feliz, para ir alegrar a mãe.

— Por onde andas tu, meu filho?

A mãe não gostava daquelas sortidas pela praia. Temia que o pequeno tivesse qualquer desastre e andava sempre com o coração em sustos. Enquanto êle por lá andava ficava sempre em constante preocupação. Ralhava-lhe, à volta, mas no fundo não podia evitar que o filho brincasse. Bastava a sua desgraça para lhe dar certa

dores, almas dfeitas à rude lide do mar e às necessidades do tempo, diziam uns para os outros:

— O Manell Viste para cá o mocito?

O mocito era o Alfredo — todos o sabiam.

— É nan vil!

— O catraio está enfermiço.

— Valha-lhe a Senhora dos Afli-

tos.

A verdade é que isto raramente sucedia. À vida em casa piorava cada vez mais, de modo que o rapaz, sabedor da miséria e da luta da mãe, desandava logo de manhã a caminho da doca, à guarda do peixe para o almôço e alguns tostões para o pão. Nos barcos, alguns dos pescadores, mal o viam aos pulos, gritavam-lhe logo:

— Eh moço!

O Alfredo, brincalhão, sempre de resposta pronta e engraçada, curioso no que dizia e insinuante no sorrir e nos modos, impunha-se cada vez mais à estima dos homens do mar. Tratava de obter o peixe e, às vezes, até o pão, e prometendo voltar, ia a casa sossegar a mãe.

— Quem te dá isto, filho? — indagava a mãe.

— Os pescadores, mãezinha. Êles gostam de mim. Eu cá também, sabe?

A boa da mãe sorria e ia logo tratar do almôço. Às vezes, o filho não queria almoçar para ir comer com os pescadores, dentro do barco. Juntavam-se meia dúzia de homens e êle em volta dum fogareiro, no tombadilho, e à medida que as sardinhas se iam assando, collocavam-nas em cima de grandes nacos de pão. Cada qual contava as suas anedotas ou episódios do mar, sempre interrompido pela curiosidade do miúdo, que tudo queria saber do que não percebia.

— Cala-te, moço!

— Não, senhor. O que é uma «tromba»?

Lá lhe faziam a vontade, mas por muito que lhe ralhassem, daí a pouco voltava à carga. Geralmente, aquellas reuniões acabavam sempre com grossas gargalhadas, provocadas pelo garotinho.

Em casa, a mãe dera em apouquentar-se mais. O filho estava na idade de ir à escola. Era preciso que fôsse. Devia ser difícil arrançá-lo àquela vida de liberdade — pensava — mas assim era preciso. Quando ela morresse, que o filho ao menos soubesse ler. Já andava nos 6 anos e picos, estava em muito boa idade.

Uma noite, depois da refeição, a

(Conclui na página 23)



alguns pequenos da sua idade, para acabar por ir para a doca do Bom Sucesso. Ali, tôda a garotada se agitava entre a azáfama dos pescadores que iam e vinham. O Alfredo, porém, mal se achava na doca, aproximava-se dos barcos e abeirava-se dos pescadores que a princípio o olhavam com indiferença e algumas vezes o chegaram a correr dali, com voz de mau humor. O pequeno insistia e fazia perguntas e mais perguntas. Se havia peixe, então, pedia-lhes algum, naquela sua vozita fresca.

— Pra que raio é o peixe?

— Para levar para casa. A minha mãe não tem dinheiro para o comprar!

llassidão às palavras de censura. E depois, via nos olhos do filho tamanha alegria pelo que trazia nas mãos, que não podia continuar e quidá sempre se abraçava a êle a chorar copiosamente.

— Se o teu pai vivesse, filho! — murmurava.

O chefe da casa pairava naquella casa como sombra amiga, a velar pelos dois.

O Alfredo tornou-se, assim, conhecido dos pescadores que deram para gostar dêle, a dar-lhe peixe todos os dias, e até, quando se realizava a lota, lhe distribuíam tostões e meio tostões.

Dia que o Alfredo por lá não apparecesse, já os bons dos pesca-

# GRAMOFONES

Para todos os gostos



Para todos os preços  
Com motor de CORDA e motor ELECTRICO

GRANDE VARIEDADE DE MODELOS

*Est. Valentim de Carvalho*  
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Enviaremos grátis catálogo ilustrado

# CALÇADA DA GLORIA

(Conclusão da página 8)

dançavam, ao som dos harmónios, Bacho surgia, resplandecente de loiros, animando os fiéis, e se o vinho aquecia, se por dá cá aquela palha se entrelaçavam os varapaus no ar, se intervinha o regedor, se havia pelo menos três cabeças partidas—então, sim, podia dizer-se, com consciência, que houvera festa rija!

Afirmava, creio que Emídio Navarro, que a agricultura era a arte de empobrecer alegremente. Não será, em todos os casos, rigorosamente assim. Mas, sim ou não, é fora de dúvida que a agricultura, aproximando o homem da Natureza, lhe cria um optimismo confiante. O lavrador queixa-se sempre—o tempo é, em regra, o seu cavallo de batalha—mas, nem por isso, deixa de lançar à terra, não apenas a sua semente, mas o seu sorriso. Espécie de grande e obscuro pintor, a terra é a sua grande tela. Se vimos bem, a sementeira, a lavra, a monda, a ceifa, a debulha, a poda, a vindima, a faina das eiras, a tarefa dos lagares, não são mais do que expressivas aguarelas, admiráveis de expressão e fecundas de sol. Pela parte que me toca confesso que nunca passei dum teórico que, em vez de ler a «Arte de Aduar» lê

Júlio Diniz, e em vez de cultivar as batatas em pessoa, prefere saboreá-las já, «au soufflé», seguindo a saborosa receita de Ramalho Ortigão.

Quando fiz o meu exame do 2.º grau, meu avô materno, premiando a minha distinção, presentou-me—ó gloriosa ironia—com um burro. Ao chegar à minha aldeia para gozar as merecidas férias de aluno aplicado, entre as pessoas que me esperavam—estava o meu burro, lindamente ajeado com o seu selim e os seus arreios luzindo como prata. Mas—disse-me quasi logo—que me desiludisse eu! Se imaginava que ele era o burro de Sancho—enganava-se. Não tardei a reconhecer que o meu burro era absolutamente senhor do seu focinho e, como todos os filósofos persistentes, tinha teorias singulares. Por exemplo: só consentia que o cavalgassem quando ia para o curral. E, desta maneira, quando eu queria permitir-me o luxo burresco de dar um passeio, tinha de levá-lo pela arreata até onde queria ir—e, só à volta, ele me dava a honra de me trazer aos ombros. Nunca ninguém o demoveu deste critério, nem à força de empenhos. Foi sempre um carácter inabalável, este animal!

# ~ O CHIADO ~

(Conclusão da página 15)

e de Fialho, rabugento e mordaz, que se sumiu a trás do Carrelhas; o autor de «Vida Airada» e «Cara Alegre» deitou por terra o largo chapéu de abas e desapareceu na decomposição triste da matéria; Eça deixou cair o vidro do monóculo que se partiu com o último frasco da essência venenosa ao seu humor irónico—e, com ele, foram-se todos aqueles que venceram, para se chamarem os «Vencidos da Vida»; era o Marcelino Mesquita, o sumido José Parreira, o Ramalho alentado, o bigode do Camacho, o fugidio Junheiro. ...Mudou-se, enfim, o cenário exterior das mulheres bonitas; as calças dos adónis sentimentais e de intelecto; as capas dos livros nas vitrines...

Júlio Dantas trocou o colete de veludo branco com florinhas róxas, por um conjunto negro de viúvo espiritual; o Correia de Oliveira trocou o Chiado pelo Bélinho e manteve as mangas curtas da camisa; Azevedo Neves trocou o «café» pelo Instituto de Medicina Legal; Lopes Vieira, a tez angelical de olheiras violetas, pela cor morena do sol de S. Pedro de Muel; João de Barros aprendeu a ler pelo monóculo as lições que a experiência da vida lhe ensinou...

Os homens de ontem prolongaram-se, pois, até hoje, no Chiado; os de hoje irão até amanhã, para que a velha academia, constituída ao estilo grego e vivendo a vida de ar livre, mantenha o título glorioso que os homens de há cinqüenta anos revivem nas crónicas de Teixeira Gomes, nas memórias de Camacho, nas páginas de Barros Lôbo—Beldemónio...

É assim: Lisboa galante dos madrigais de esquina, Lisboa literária do lançar de palavra ao vento, continua a viver e reviver ali num intervalo de revisão de provas; nos ajustes de edições; na discussão das discussões; na crítica das críticas; na obra das desobras; nas dobradas obras...

É o Aquilino, de chapéu mole, puxado para trás, «homem de feira e arraial», de calças desvincadas, um casaco que teima em fingir que está vestido mas que a gente está mesmo a ver que lhe escorrega dos ombros, em jeito lavrador; é o Ferreira de Castro, cara larga e morena, de nózinho miúdo na gravata, a fingir que não engorda; é Casais Monteiro, fazendo grupo—quem diria!—à porta da Bertrand, com o autor da Fátima; António Pedro e as luvas cor de canário belga; Gaspar Simões rotundo e mole; António Boto e as mãos seráficas; Luiz de Oliveira Guimarães e os colarinhos de gôma irremediavelmente a brilhar; é Ramada de braços curtos e ideias largas; é Gualdino presença do passado; Matos Sequeira, o multiforme artista; José Ribeiro dos Santos, fininho a não querer aparecer com o chapéu à Chamberlain...

E é tanta, tanta outra gente—acotovelar de anónimos que aspiram a entrar nas rodas literárias à porta da Bertrand, da Brasileira...

O Chiado é uma legenda de raça. Um título que é herança, herança a transmitir...

Mas será só isto? Será só a «vida» de escritores, a «blague» e a anedota literárias?

De certo, o que seria o Chiado sem este espirito renovador de factos?

Aqui os têm: uma casa de brincueiros—o Bénard—muda-se em livraria Sá da Costa—que vem às costas lá de baixo, desde o Poço dos Negros; uma casa de chapéus, muda-se em grande estabelecimento de livros, de revistas e cartazes de propaganda internacional—de certo modo o próprio cartaz de ideias mundiais; e aqui a velha Bertrand, fronteira à nossa «Vida Mundial», que é também de algum modo uma renovação de factos—já nos anuncia uma vida diferente—por dentro e por fora, está claro...



## NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas	Estações			
8,50 Noticiário	2 RO 4	m.	25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	ap.	19.92	Kc/s 15.060
12,20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m.	16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m.	15.31	Kc/s 19.590
14,10 Noticiário	2 RO 7	m.	16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m.	19.92	Kc/s 15.060
22,40 Noticiário	2 RO 11	m.	41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m.	25.10	Kc/s 11.950
22,40 Noticiário		Ondas médias		
		m.	221.1	
		m.	263.2	
0,00 Noticiário	2 RO 6	m.	19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m.	30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m.	29.04	Kc/s 10.330

## CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

21,20 (Domingo)	m.	25.70	Kc/s 11.695
21,20 (Quarta-feira)	m.	30.52	Kc/s 9.930

# ~ O CATRAIO ~

(Conclusão da pág. 21)

mãe encheu-se de coragem e perguntou-lhe se queria ir para a escola.

— Para a escola, mãe?  
— Sim, filho.  
— É preciso? A mãe quer?  
— Pois quero, Alfredo. É para teu bem, para te fazeres um homem.

— Então, está bem.  
Mas o pequeno não era nada estúpido e deu-lhe para magiar naquilo de ir à escola. E quem arranjaria o peixe e o pão para os dois? Sim, que ele andava na gandaria para trazer para casa. Na escola não lhe davam de comer e o pequeno não sabia ainda avaliar a força e o perigo dum futuro sem alicerces. De modo que, só por obediência à mãe se resolveu ir para uma escola da Câmara, lá para as bandas de Pedrouços, próximo da Carreira de Tiro. Mas nunca deixou de ir avistar-se com os seus amigos pescadores, mal saía da escola, ao fim da tarde.

Entretanto, a pobre mãe fazia esforços desesperados para manter a casa. Já dois meses se haviam passado sem o pagamento da renda. O senhorio não se compadecia e ameaçava-a de a pôr na rua. De olhos cavados, dormindo mal e comendo pior, essa mulher via-se a decair, cheia de dores nas costas e com muita tosse. O Alfredo, já mais crescido, pois espigara muito, dava com a mãe a entristecer, em cada dia que passava, e ia ruminando sabia-se lá o quê.

Uma noite, já deitados, a mãe desatou a tossir muito. O filho levantou-se e viu no lençol, cheio de remendos, uma mancha de sangue. Vestiu os calções à pressa e apesar da mãe o ter repreendido, saiu e bateu à porta da vizinha, que o ajudara a criar, a quem deu conta do sucedido. Esta resolveu

chamar um médico da área, que morava próximo, o qual compareceu pouco depois.

Diagnóstico: — tuberculose.  
Meses depois, mortificada e chorosa, a pobre mãe deixou a terra e expirou, deixando o filho à mercê do destino e dos homens.

\* \* \*

O Alfredo foi recolhido pela amiga da mãe. Onde comiam dois ou três, comeria mais um. Tudo se arranjaria porque naquela casa havia um homem, um braço para os defender.

O pequeno continuou na escola sem deixar de aparecer na doca. Mas passara a ir triste, com o coração dorido e negro como a roupa que vestia. Os homens do mar, apiedavam-se d'ele, acarinhavam-no e aumentavam as dívidas que continuavam a fazer certo arranjo em casa dos seus benfeitores.

Assim correu o tempo.  
Fêz exame e ficou aprovado. Achava-se satisfeita a vontade da morta. Tinha onze anos. Podia dizer-se que era já um homenzinho. Começou a pensar em trabalhar e falou nisso à amiga da mãe.

— Trabalhar para onde, filho?  
— Sei lá! Vou pedir aos pescadores para me levarem com eles. Sempre ganharei algum dinheiro para lhes dar.

A mulher falou ao marido. A vida era pesada e as responsabilidades eram muitas. O homem concordou.

No dia seguinte, o Alfredo abeirou-se do mestre de um dos «cercos» e falou-lhe. O pescador, velho lobo do mar, de rosto enghelado e queimado pelos ardores do sol, ouviu o pequeno com atenção e ao cabo de momento lá lhe fez a vontade.

O filho do pobre carpinteiro ia começar a ganhar dinheiro. Agradeceu e ao chegar a casa deu largas à alegria. Na semana seguinte saía para o mar.

A sua benfeitora, lá como pôde arranjou-lhe a roupa para a viagem e preparou-se para a despedida. A ausência seria longa, uns seis ou sete dias no mar. Sentia temor pela sua vida.

O dia chegou. O pequeno tinha a alegria nos olhos. Pegou no saco, abraçou os amigos da mãe e seus benfeitores e sem uma lágrima, consciente da sua nova personalidade, abriu a porta e saía.

Os pescadores receberam-no com alegria e cada qual procurava testemunhar-lhe maior soma de afecto.

Hoje depois o barco levantava ferro e saía em direcção ao mar, onde os homens vão buscar alimento e morte.

Tudo correu normalmente. A faina deu bons lucros. A viagem de regresso, fêz-se sem contratempos. O Alfredo, uma criança feita homem, orão, sentia-se diferente. Os camaradas mais velhos viam-no na sua tarefa e sorriam da sua agilidade e força.

— Eh! Moço! Arreda daí. Olha as ondas, home!

— Olha lá!  
O mestre do barco sentia que fizera bem e nos lábios havia um vinco de satisfação e de orgulho.

— Eh! rapaz!  
— Diga, Mestre!  
— Estás contente?

— Ora essa! Muito contente.

E assim decorreu a viagem de regresso. Dias depois realizou-se a lota. O Alfredo esperava esse dia com invulgar impaciência. Era o primeiro dinheiro que ganhava. Coube-lhe uma fêria razoável.

— É pouco? — interrogou um dos pescadores.  
— Não senhor.  
Despediu-se de todos e chegou a casa à hora de jantar. Ele já

não iria comer a esmola dos amigos da mãe. Ele bem sabia que não era por esmola que se sacrificaram por ele. No entanto, tinha o dever de lhes retribuir o bem que lhes haviam feito.

— Pronto! Isto é para si.  
E depositou nas mãos dessa mulher o produto integral da sua fêria.

Marido e mulher entreolharam-se e sorriram.

— Olha cá, Alfredo. É o primeiro dinheiro que ganhas, toma lá uma parte — disse-lhe o seu antigo vizinho.

— Não senhor. É todo para os deus.

E não foi capaz de convencer o novo pescador a receber um certativo que fosse.

— Continuas cá em casa? — interrogaram.

— Ora essa. Só se não quizerem.

— Queremos, sim, Alfredo.  
— Ainda bem!  
Abraçaram-se.

No seu quarto, Alfredo, já deitado, cruzou as mãos e de olhos marejados de lágrimas, murmurou:

— Mãe. Cumpro o meu dever. Pede a Deus que vele por mim.

## A SÍFILIS

### e o seu remédio

Combater a sífilis sem abalos no organismo com um tratamento cómodo e económico, actuando em todas as manifestações da doença, tratamento feito durante os trabalhos ou ocupações de entérmo, consegue-se com o

## DEPURATOL

que logo de início dá alívios, bom apetite de comer e uma boa disposição de espírito.

**Tubo, para quasi uma semana de tratamento — 11\$00.**

**EM TODAS AS FARMACIAS**

# HISTORIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 20)

governo búlgaro dos riscos que estava correndo. O Primeiro Ministro britânico afirmou que soldados alemães estavam a ocupar os campos de aviação da Bulgária. Acrescentou que talvez mesmo fosse possível que o exército alemão já tivesse começado a avançar em território húngaro. Se os povos se mantivessem unidos, disse ele, ajudados pela Grã-Bretanha e pela Turquia, decorreriam muitos meses antes que a Alemanha pudesse dispor dum exército e dum aviação suficientemente fortes para dominar o sudoeste da Europa. Nesses meses

muita coisa podia acontecer, à medida que o auxilio americano se tornasse mais efectivo e aumentassem as forças aéreas britânicas no Médio Oriente. Mas se os povos balcânicos se deixassem dividir, teriam o destino da Holanda, da Dinamarca e da Bélgica. Recordou que, em Julho de 1915, quando a Bulgária parecia estar a trilhar um mau caminho, o sr. Lloyd Georges, o sr. Bonar Law, o sr. F. E. Smith e ele convidaram o ministro búlgaro em Londres para jantar a fim de lhe dizerem que se o rei Fernando entrasse na guerra ao lado dos Impérios

Centrais, perderia o seu trono. Foi inútil. O rei não acreditou ou não convenceu o seu governo. Por isso a Bulgária, procedendo contra o seu interesse, fôra duramente castigada na hora da vitória. «Estou convencido, concluiu Churchill, que a Bulgária não vai praticar outra vez o mesmo erro. Se assim suceder os camponeses e o resto da população búlgara, ver-se-ão pela terceira vez em trinta anos envolvidos numa guerra desnecessária e desastrosa».

(Continua)



Um aspecto da romagem promovida pelo pessoal da Companhia das Águas ao jazigo onde está depositado o corpo do seu falecido director, sr. Carlos Pereira, cujo 1.º aniversário da morte passava nesse dia.



Em comemoração do 132.º aniversário da participação do glorioso regimento de Infantaria 1 na batalha do Bussaco, realizou-se em Lisboa uma cerimónia militar que teve grande lustre. Na foto, o actual 2.º comandante do regimento fazendo o seu discurso evocativo junto do retrato do Duque de Saldanha, uma das grandes figuras da nossa história militar.



# A hora da missa

Vida MUNDIAL

Já alguma vez visitou o Minho? Pois, leitor, se ainda não viu o Minho, se não admirou, alguma vez, o quadro policromo da sua paisagem, o espectáculo dos seus arraiais e romarias, os costumes característicos da sua gente — pode crer, ainda não conhece Portugal. Terra de paz e de trabalho, onde a vida é calma e a gente é boa, onde os nossos olhos se encantam e a nossa alma se enternece — o Minho é bem não só a mais linda como a mais portuguesa província de Portugal. Nesta foto vemos uma minhota, com seu traje característico, entrando para uma das muitas ermidas do Minho, à hora da missa. Profundamente religiosa, a gente humilde do Minho procura na sua devoção por Deus o alento necessário para arrostar com calma e resignação o calvário da sua vida de trabalho...

(Foto Alvão)